

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Eugênia Duarte Fernandes Gonçalves

DEFINIÇÕES E PERSPECTIVAS ACERCA DA ASCENSÃO DAS DIREITAS NO SÉCULO XXI

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto.

Juiz de Fora
2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Maria Eugênia Duarte Fernandes Gonçalves**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673141A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DEFINIÇÕES E PERSPECTIVAS ACERCA DA ASCENSÃO DAS DIREITAS NO SÉCULO XXI**, desenvolvido durante o período de setembro de 2022 a dezembro de 2022 sob a orientação do Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MARIA EUGÊNIA DUARTE FERNANDES GONÇALVES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

DEFINIÇÕES E PERSPECTIVAS ACERCA DA ASCENSÃO DAS DIREITAS NO SÉCULO XXI

Maria Eugênia Duarte Fernandes Gonçalves¹

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a ascensão dos líderes e partidos políticos mais à direita do espectro ideológico durante o século XXI, como Donald Trump (EUA), Marine Le Pen (França) e o referendo do Brexit (Reino Unido), a partir das interpretações propostas por Roger Eatwell e Matthew Goodwin, Pippa Norris e Ronald Inglehart, Cas Mudde, Enzo Traverso e Wendy Brown. A literatura utilizada como metodologia buscou determinar, a nível ocidental e de impacto global, o caráter epistemológico do tema - variando entre "nacional-populismo", "populismo autoritário", "ultradireita" e "pós-fascismo" -, principais fatores sociopolíticos - mais notadamente, as consequências da imigração e das novas ondas de refugiados -, culturais - relacionadas à reação do crescimento de "pautas identitárias" progressistas - e econômicos - sob influência da racionalidade neoliberal - que influenciaram os ganhos eleitorais desse fenômeno na última década, com grande enfoque aos cenários dos EUA e Europa, assim como a eventual longevidade do processo e possíveis formas de combate.

PALAVRAS-CHAVE: Direita. Direita Radical. Extrema Direita. Ultradireita. Pós-Fascismo. Nacional-populismo. Populismo autoritário.

1. INTRODUÇÃO

No dia 6 de novembro de 2016, o candidato pelo Partido Republicano, Donald Trump, foi eleito como o 45º presidente dos Estados Unidos da América. Sua vitória, pouco prevista pela imprensa estadunidense à época - que indicava a democrata Hillary Clinton na sucessão dos anos Obama (2009-2015) -, sinalizou uma guinada mais à direita no século XXI, mesmo que o empresário e ex-apresentador de televisão não tenha sido o primeiro representante desta tendência a ganhar destaque em um país do hemisfério norte. Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria pelo conservador Fidesz, foi reeleito em 2010, ancorado numa forte retórica de anti-imigração e Nigel Farage, líder do Partido da Independência do Reino Unido entre 2010 e 2016, alcançou notoriedade como uma das principais figuras em defesa do Brexit - referendo que sinalizou a saída do Reino Unido da União Europeia em 2020.

Se a eleição de Trump não foi o primeiro exemplar da ascensão de uma ultradireita com tendências xenofóbicas e racistas, muito menos é seu último caso. Seguido a ele, vieram Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018, e, mais recentemente, Giorgia Meloni na Itália, em 2022, além do crescimento de partidos ligados a tais ideais, como o Alternativa para a Alemanha (AfD), Vox, na Espanha e a Rassemblement National da França, encabeçada atualmente por Marine Le Pen. Mais do que uma resposta à crise econômica internacional da última década, a vitória - ou o sucesso eleitoral - das crenças partilhadas pelo campo mais à direita ideológico, não apenas em democracias tidas como "estáveis", como também em países subdesenvolvidos (ou "em desenvolvimento"), mostrava que o movimento era global, ancorado em fenômenos diversificados e de média duração.

A partir desta "globalização das direitas", a literatura especializada se encarregou de tentar explicar suas lideranças, apoiadores e, especialmente, seus fundamentos ideológicos. Este trabalho tem como proposta

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: mariaeugenia.goncalves@estudante.ufjf.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto.

investigar este cenário interpretativo a partir das colaborações de Enzo Traverso, Cas Mudde, Roger Eatwell e Matthew Goodwin, Ronald Inglehart e Pippa Norris e Wendy Brown sobre o tema, identificando suas definições, possíveis causas - a partir de fatores sociopolíticos, culturais e econômicos -, assim como sugestões de enfrentamento.

Os autores escolhidos procuraram conjecturar o cenário geral, dando principal enfoque aos EUA e à Europa Ocidental. Eatwell e Goodwin priorizaram desmistificar as alegações feitas pela “mídia liberal” acerca do poder eleitoral de partidos e líderes ligados ao que chamaram de nacional-populismo; Inglehart e Norris optaram por investigar estudos qualitativos sobre o perfil dos votantes, baseados em valores morais e no “*cultural backlash*” ao crescimento de pautas progressistas; Mudde buscou definir a quarta onda da ultradireita a partir de sua história, ideologia, eleitores e principais causas; Traverso, preocupado com a utilização do termo fascismo, traçou paralelos históricos com o período entreguerras no exercício de categorizar o cenário atual; enquanto Brown dedicou-se às consequências antidemocráticas da razão neoliberal firmadas nas últimas décadas.

2. POPULISMO, NACIONALISMO, AUTORITARISMO OU FASCISMO?

Dentre os autores abordados neste trabalho, estão presentes algumas distinções e semelhanças epistemológicas sobre a ascensão das direitas globais no século XXI. Roger Eatwell e Matthew Goodwin se valeram do conceito de “nacional-populismo” para caracterizar “uma ideologia enraizada em correntes duradouras e profundas que vêm serpenteando sob nossas democracias e ganhando forças há muitas décadas” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p.9). De maneira análoga, Pippa Norris e Ronald Inglehart² utilizaram do “populismo”, associado ao “autoritarismo”, para definir seus movimentos, governos e eleitores. Sob outra perspectiva, Enzo Traverso³ seguiu uma linha histórica delineada pelo “fascismo clássico” e o “pós-fascismo”, se opondo à categorização “populista”, enquanto Cas Mudde⁴ classificou como “ultradireita” aqueles considerados como ‘anti-sistema’ e hostis aos ideais da democracia liberal, definindo-os em dois grupos: direita radical e extrema direita.

Em *Nacional-Populismo: A revolta contra a democracia liberal*, Eatwell e Goodwin⁵ definiram o “nacional-populismo” como uma ideologia em ascensão desde a década de 1980, a partir de figuras como Jörg Haider, na Áustria e Jean-Marie Le Pen, na França. Em comum, esses líderes possuíam uma retórica de lei e ordem, combate ao ‘establishment corrupto’, oposicionista à imigração e de recrudescimento da segurança nacional. Atualmente, muitos de seus significativos representantes, como Nigel Farage, na Grã-Bretanha, Donald Trump, nos Estados Unidos e a filha de Jean-Marie, Marine Le Pen, mesmo que não exatamente idênticos, são

² NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald: **Cultural Backlash. Trump, Brexit, and authoritarian populism**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 9.

³ TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Âyine, 2021. p. 17.

⁴ MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 17.

⁵ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020, p.37.

unidos pela narrativa de alegações sobre o que algumas comunidades acreditam ser a destruição e declínio do caráter nacional.

Populismo, argumentam, é utilizado não como estilo político, mas como uma ideologia tênue baseada na tentativa de fazer com que a vontade do povo seja ouvida e atendida, no chamado para defender os interesses das pessoas comuns, e pelo desejo de substituir as elites, consideradas corruptas e alienadas dos interesses populares⁶. Ao mesmo tempo, notam como tal retórica, presente em diferentes campos ideológicos, está longe de ser antidemocrática, já que é uma resposta às contradições da democracia liberal⁷. Para distinguir o populismo de esquerda e o de direita e situar o fenômeno investigado na obra, acrescentam a propriedade nacionalista. Esta relaciona-se ao pensamento corrente entre membros de determinados grupos que, ao acreditarem partilhar um senso comum de história e identidade, sentem-se no dever de defender aquilo que consideram como valores nacionais, ameaçados, especialmente, pela integração europeia e o crescimento da imigração.

Para Norris e Inglehart, em *Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism*, o fenômeno adquire o nome de “populista autoritário”. Populista porque, ao ser adotado como estilo de retórica por líderes que questionam o ‘establishment’ e se portam como ‘a voz do povo’, tem por efeito desgastar a confiança das autoridades eleitas em uma democracia constitucional⁸. Já o teor autoritário é constituído pela vontade de favorecer a segurança coletiva de determinado grupo em detrimento das autonomias individuais. A combinação entre os dois, na prática, é para os autores a junção mais ameaçadora à estrutura democrática vigente, pois corrói a confiança das pessoas em seus mecanismos institucionais, como a proteção aos direitos das minorias, o papel da imprensa e a independência judicial⁹.

A retórica populista direciona mágoas coletivas contra às elites, alimentando a suspeita de políticos ‘corruptos’, a falsa ‘mídia’, juízes ‘enviesados’, e partidos mainstream ‘fora da realidade’, atacando a verdade e corroendo a fé na democracia liberal. Políticos que não irão/poderão lhe defender. Os valores autoritários direcionam ressentimentos coletivos a grupos que servem como bodes expiatórios vistos como ameaçadores aos valores e normas do grupo pertencente, dividindo ‘Nós’ (as ‘pessoas reais’) e Eles (‘que não são o ‘Nós’); atizando ansiedade, corroendo a tolerância mútua e envenenando o reservatório da confiança social. Se o mundo é visto como cheio de gangues, criminosos e fanáticos, se nossas fronteiras são vulneráveis à cartéis de drogas, terroristas muçulmanos e aliens ilegais, se a democracia liberal está quebrada, então, logicamente, nós precisamos de grandes fronteiras - e líderes fortes - para nos proteger e proteger a nação. (p. 7, tradução nossa)

Cas Mudde, por outra via em seu livro *The Far Right Today*, está interessado em analisar aquilo que chama de ultradireita, sintetizada por sua hostilidade à democracia liberal. Ela divide-se em dois grandes grupos: a extrema direita, de caráter revolucionário, é avessa ao conceito de democracia, como exemplificada por Adolf

⁶ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020, p.102.

⁷ Idem, p. 74.

⁸ NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald: **Cultural Backlash. Trump, Brexit, and authoritarian populism**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 5.

⁹ Idem, p. 65.

Hitler e Benito Mussolini, e a direita radical, reformista, que embora aceite a essência da democracia, se opõe à elementos centrais desta, como os direitos das populações marginalizadas e a separação entre poderes¹⁰.

Seguindo os preceitos do cientista político alemão Klaus von Beyme¹¹, Mudde¹² elaborou três ondas políticas da ultradireita do pós-Segunda Guerra Mundial. As nomenclaturas, eras e conceituações são classificadas da seguinte maneira: Neo-fascismo, compreendida entre 1945 e 1955, caracterizada por um pequeno grupo que, em consequência da derrocada no pós-guerra, trabalharam à margem da sociedade mantendo-se fiéis à causa fascista; Populismo de Direita, de 1955 a 1980, definida pela ascensão de partidos e líderes populistas, interessados em se opor às elites do pós-guerra, como os pujadistas franceses ou o movimento anti-comunista encabeçado pelo ex-senador Joseph McCarthy, nos Estados Unidos; Direita Radical, presente de 1980 a 2000, impulsionada pelo massivo desemprego, crescimento da imigração e conciliação entre o nativismo com o populismo e autoritarismo.

Para situar o momento atual, o autor vai além e acrescenta uma nova camada, em vigor desde 2000 e beneficiada por três importantes episódios de impactos globais: os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001, nos EUA, a Grande Recessão, de 2008 e a “crise de refugiados”, de 2015. A popularidade adquirida pelos movimentos abrangidos por esta Quarta Onda, marcada pelo encolhimento das diferenças entre a ultradireita e a direita *mainstream* em termos de ideologia, política e organizações, é o que a distingue das demais.

Mais além, Mudde também dispõe do populismo, como uma “thin ideology” (“ideologia tênue”, em tradução livre), que “considera a sociedade fundamentalmente separada em dois grupos homogêneos e antagônicos, as pessoas puras e a elite corrupta, e que alega que a política deveria ser uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) de todos” (MUDDE, 2019, p. 7, tradução nossa). Por, teoricamente, ser a favor da democracia, ele acredita que o termo não deve ser utilizado para explicar a extrema direita. No entanto, por seu caráter anti-democracia liberal, é característico das direitas radicais do século XXI¹³.

Se o populismo é utilizado como uma classificação definidora dos fundamentos das direitas globais, seja na compreensão de uma ideologia em si para Goodwin e Eatwell, ou como estilo retórico em Norris e Inglehart - que chegam, inclusive, a citar políticos tão distintos como Marine Le Pen e o social-democrata Bernie Sanders para exemplificar suas noções de aplicação do termo -, Traverso¹⁴, em contrapartida, opõe-se a seu uso por considerá-lo, como palavra, “uma concha vazia que pode ser preenchida por conteúdos políticos dos mais disparatados” e, como conceito, uma armadilha epistemológica. Empregado para definir o estilo político daqueles que se colocam “anti-sistema”, tal termo, assim como “totalitarismo” - considerado pelo autor um “modelo abstrato” -, omitem as diferenças ideológicas e eliminam o que distingue a direita e a esquerda, diminuindo então a possibilidade de se compreender a política.

¹⁰ MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 7.

¹¹ BEYME, Klaus Von. **Right-Wing, Extremism in Western Europe**. 1 ed. Reino Unido: Routledge, 1988.

¹² MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 11.

¹³ Idem, p. 8.

¹⁴ TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Áyine, 2021. p. 29.

O populismo se transforma numa categoria abstrata formalizada por um conjunto de características gerais - autoritarismo, nacionalismo radical entendido como religião política, liderança carismática, rejeição ao pluralismo e ao controle da lei, visão monolítica e homogênea do povo, retórica demagógica, - entre outras, categoria na qual alguns movimentos de esquerda e extrema direita se enquadram. No entanto, para definir essa categoria abstrata, devem-se ignorar tanto as genealogias históricas quanto seus objetivos sociais e políticos, que divergem dramaticamente entre si. (TRAVERSO, 2021, p. 31).

O autor, então, retorna ao passado, sem dissociá-lo das contradições do presente, para definir e explicar a contemporaneidade. Em *As Novas Faces do Fascismo: Populismo e a extrema direita*, ele constata como o recente crescimento da direita de caráter racista e xenofóbico, afastado em magnitude global desde os anos 1930, fez com que se despertasse a lembrança sobre o fascismo do entreguerras¹⁵.

Compreendido como um conceito transatlântico e trans histórico, ou seja, capaz de ultrapassar o período em que foi engendrado, o fascismo ocupa área central em nossa consciência histórica e imaginário político. Porém, pelas singularidades e complexidades das circunstâncias atuais, utilizá-lo como categoria de interpretação serve mais como obstáculo, já que suas fronteiras cronológicas e políticas são bem definidas. Para ele (TRAVERSO, 2021, p. 17), “as novas forças da direita radical são um fenômeno heterogêneo e composto”.

De maneira correspondente, contesta o uso do termo “neofascismo”, por compreender que este se refere mais às tentativas de regenerar o fascismo clássico, ou seja, àqueles partidos e movimentos que “pregam abertamente uma continuidade ideológica com o fascismo histórico” (TRAVERSO, 2021, p. 17). Então, aplica o conceito de “pós-fascismo”, por acreditar que, embora a extrema direita ascendente surja do passado fascista, ela se adequa e se transforma no presente.

O pós-fascismo é algo mais: em muitos casos, ele surge de um passado fascista clássico, mas vem mudando suas formas. Muitos movimentos pertencentes a essa constelação não apelam a essas origens e se distinguem do neofascismo. De qualquer modo, não exibem uma continuidade ideológica com o fascismo clássico. No esforço de defini-los, não podemos ignorar o ventre fascista de onde surgiram, dado que essas são suas raízes históricas, mas também devemos levar em consideração suas metamorfoses. Eles se transformaram e tomaram um rumo cujo resultado é imprevisível. [...] O pós-fascismo pertence a um regime particular de historicidade - começo do século XXI -, o que explica seu conteúdo ideológico errático, instável e contraditório, no qual se misturam filosofias políticas antinômicas. (TRAVERSO, 2021, p. 18).

Apesar de suas objeções ao uso da classificação populista, Traverso não discorda quanto à propensão autoritária daquilo que chama de pós-fascismo, por reivindicar um poder forte e leis de segurança especiais¹⁶.

2. 1 FATORES SOCIOPOLÍTICOS

Se observamos algumas dissidências notáveis quanto a classificação terminológica da ascensão da direita global na contemporaneidade, há poucas discordâncias quanto a um dos elementos mais preponderantes

¹⁵ Idem, p. 14.

¹⁶ Idem, p. 106.

de sua retórica: a ansiedade do eleitorado com relação à crescente onda de imigração e de refugiados (de determinadas regiões) do hemisfério norte, especialmente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental.

Apesar de não serem uma ocorrência exclusiva - e muito menos nova - deste século, os fluxos migratórios e as crises de refugiados ganharam destaque na última década através da divulgação acentuada em meios de comunicação e pelas novas mídias. Suas causas são variadas: guerras, busca por empregos e melhores condições de subsistência, perseguições políticas ou étnico-culturais, questões sentimentais, dentre outros¹⁷.

Sendo, portanto, um fenômeno mundial e em crescimento, como tais fatores são abordados pelos movimentos analisados neste trabalho? Quais impactos tecem nas plataformas políticas dos líderes e partidos à direita mais radical do espectro ideológico? Como são vistos pelos seus eleitorados? Que função exerce a mídia hegemônica ao difundir o tema para o grande público?

Para Mudde¹⁸, a proclamada “crise de refugiados”, irrompida em 2015, desempenhou papel fundamental na disseminação dos sentimentos compartilhados pela extrema direita e pela direita radical. Sinalizada como um dos elementos constituintes daquilo que definiu como Quarta Onda, sua difusão por políticos de múltiplos campos ideológicos e a utilização massiva do termo “crise” na cobertura dos principais meios de comunicação serviu como munição aos grupos da ultradireita, funcionando como um catalisador para seu processo de amplificação.

De acordo com a análise¹⁹, as causas dos movimentos migratórios são deturpadas pela direita radical de caráter populista, que enxerga neles um fenômeno organizado e promovido por políticos progressistas com a intenção de angariar novos votos. Referência significativa dessa teoria conspiratória é o filantropo George Soros, acusado por personalidades como Viktor Órban, Matteo Salvini e Nigel Farage de tentar destruir a Hungria, Itália e Grã-Bretanha, respectivamente, através da “importação” de imigrantes²⁰. Líderes como Trump e o ex-Ministro de Relações Exteriores do Governo Bolsonaro, Ernesto Araújo²¹, já chegaram a acusar Soros de promover o “globalismo”, que funciona, para seus ideólogos e críticos, como uma barreira à identidade e soberania nacional ao difundir um suposto “marxismo cultural”²².

O autor acrescenta ainda que o etnopluralismo, na perspectiva difundida pela Nouvelle Droite (Nova Direita) francesa e por seu fundador, Alain de Benoist, baseada na noção de que grupos etnicamente e culturalmente distintos devem formar comunidades homogêneas, se tornou um dos principais elementos dos grupos radicais europeus, assim como o nativismo e sua dicotomia de definir a sociedade entre ‘Nós’ e ‘Eles’.

¹⁷ De acordo com o relatório estatístico “Tendências Globais”, publicado anualmente pelo Alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), o número de pessoas deslocadas em 2021 atingiu um novo recorde de 89,3 milhões - valor 8% superior ao período anterior e o dobro daquele verificado há 10 anos. Destes, 27,1 milhões eram refugiados. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2022/06/15/acnur-deslocamento-global-atinge-novo-recorde-e-reforca-tendencia-de-crescimento-da-ultima-decada>>. Acesso em: 17 nov. 2022

¹⁸ MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 4.

¹⁹ Idem, p. 32.

²⁰ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49657144>>. Acesso em: 19 nov. 2022

²¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>>. Acesso em: 07 dez. 2022

²² “Marxismo cultural”, grosso modo, é uma deturpação da teoria crítica gramsciana que buscou readaptar os escritos de Marx para o cenário do século XX. De acordo com seus propagadores, trata-se de uma revolução cultural que pretende acabar com os “valores ocidentais”, como o modelo de família cristã, e destruir o modelo econômico e social capitalista a partir da imposição do socialismo.

Seja instruído primariamente pelo racismo ou etnopluralismo, uma das características fundamentais ideológicas da direita radical populista contemporânea é o nativismo, uma combinação entre nacionalismo e xenofobia. É uma ideologia que acredita que o Estado deveria ser habitado exclusivamente por integrantes de grupos nativos (a nação) e que elementos não-nativos (ou “aliens”), sejam estas pessoas ou ideias, são fundamentalmente ameaçadores a nação-estado homogênea. A ideia central do nativismo é melhor sintetizada pelo slogan “Alemanha para os alemães, estrangeiros fora”, que se tornou notório como grito de guerra durante os violentos protestos de anti-refugiados no começo dos anos 1990. (MUDDE, 2019, p.27, tradução nossa).

Esta noção de ‘Nós’ e ‘Eles’ também se apresenta no trabalho de Norris e Eatwell como componente do aspecto autoritário do fenômeno aqui analisado. O principal slogan de Trump em 2016, “*Make America Great Again*” (“Torne a América Grande Novamente”, em tradução livre), é exemplo notável da vulgarização da ideia de que os Estados Unidos deveriam retornar a um período idílico e homogêneo, sem ameaças de invasões terroristas, da mesma maneira em que a campanha pró-Brexit nutriu o sentimento de que o Reino Unido, fora da União Europeia, era um império econômico e militar com sua sociedade majoritariamente branca e anglo-saxônica para onde teriam de regressar²³.

O nacionalismo excludente como consequência e causa também é apresentado em *Nas Ruínas do Neoliberalismo: A Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente*²⁴, de Wendy Brown. Versando sobre os efeitos da racionalidade neoliberal, como veremos mais a seguir, a autora aponta como a privatização, operante tanto nos mercados, quanto no âmago político-social, legítima a desigualdade e “subverte a democracia por meio de valores morais antidemocráticos, ao invés de valores capitais antidemocráticos” (BROWN, 2021, p. 141).

Estendido à própria nação, tais conceitos colaboram para o estímulo de um nacionalismo supressivo, como o defendido por Trump em sua campanha de fortalecimento da barreira entre os EUA e o México, com o objetivo de impedir o deslocamento ilegal através da construção de um muro “impenetrável, físico, alto, poderoso e bonito”²⁵ ou o slogan “A França para os franceses” de Marine Le Pen, em 2017.

Em Eatwell e Goodwin²⁶, a imigração, embora tenha sido vista como contribuinte para o fortalecimento das nações no passado, atualmente tem fomentado o temor dos grupos que se consideram pertencentes “por direito” a determinados territórios nacionais²⁷, por reconhecerem nela a causa do possível aniquilamento de suas identidades históricas e de seus modos estabelecidos de vida²⁸. A isto, os autores nomeiam de “destruição”, considerado um dos quatro fatores que ajudam a explicar a atratividade dos líderes e partidos nacional-populistas. Parte dessa ansiedade, a partir das questões que suscitam, é vista como legítima em si mesma e não “como subproduto de queixas econômicas objetivas”²⁹.

²³ MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 52.

²⁴ BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. 3ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2021.

²⁵ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/01/18/us/politics/trump-border-wall-immigration.html>>. Acesso em: 19 nov. 2022

²⁶ EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020, p.149.

²⁷ Idem, p. 65.

²⁸ Idem, p. 21.

²⁹ Idem, p. 225.

Rejeitamos a alegação popular de que o nacional-populismo é simplesmente um refúgio para racistas e pessoas movidas pelo medo irracional do 'outro'. Os racistas indubitavelmente são atraídos pelos nacional-populistas, mas nem todo mundo que vota neles é racista. O que ocorre é que os nacional-populistas frequentemente suscitam questões legítimas, como quantos imigrantes podem ser acomodados, que habilidades eles deveriam ter e se os recém-chegados deveriam ter acesso aos mesmos benefícios que os cidadãos de longa data. (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 147).

Porém, enquanto Eatwell e Goodwin consideram legitimidade nos questionamentos suscitados pelas expressões do nacional-populismo sobre a ampliação da imigração, Traverso³⁰ vai enxergar no temor nativista uma comparação, à sua maneira, com os inimigos do fascismo clássico. Se no entreguerras, os regimes de Adolf Hitler, na Alemanha e Benito Mussolini, na Itália, possuíram caráter antisemita e anticomunista, agora, com a memória dos horrores do Holocausto ressonante e a queda do "socialismo real" com a dissolução da União Soviética, os inimigos tornam-se os imigrantes e a religião islâmica, ideologicamente fortalecidos pelo passado colonialista na Europa ou pelas consequências do Onze de Setembro nos EUA.

Na primeira metade do século XX, o antissemitismo se espalhou por quase toda parte, das camadas aristocráticas e burguesas (onde estabeleceu fronteiras simbólicas) à intelligentsia: muitos dos mais importantes escritores dos anos 1930 não esconderam seu ódio aos judeus. Hoje, o racismo mudou suas formas e seus alvos: o imigrante muçulmano substituiu o judeu. O racismo - um discurso científico baseado em teorias biológicas - abriu espaço para um preconceito cultural que dá ênfase a uma discrepância antropológica radical entre uma Europa 'judaico-cristã' e o islã. (TRAVERSO, 2021, p. 93)

2.2 FATORES CULTURAIS

Os movimentos de contracultura ao longo das décadas de 1960 e 1970 no Ocidente, como a Revolução Sexual, a luta pela Libertação Gay e a criação da legislação de Direitos Civis de 1964, nos EUA, semearam frutos nos anos vindouros, incluindo a garantia ao acesso do aborto legal a partir da decisão "Roe vs Wade"³¹ pela Suprema Corte dos Estados Unidos ou o reconhecimento da união homoafetiva em pelo menos 33 países³² nas últimas décadas, dentre outros.

Porém, com o crescimento das desigualdades econômicas, tais políticas, identificadas como "identitárias" por serem voltadas aos sujeitos de grupos marginalizados em suas lutas contra as discriminações de ordem racial, sexual, étnica, econômica, provocadas pelas injustiças das estruturas sociais, ganharam destaque³³ e tornaram-se alvo de críticas e foram até mesmo responsabilizadas pela ascensão de líderes e movimentos à direita do campo ideológico no século XXI.

³⁰ TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Áyine, 2021. p. 25.

³¹ A jurisprudência, que estava em vigor desde 1973, foi formalmente revogada em junho de 2022.

³² Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2022/09/veja-quais-paises-permitem-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo-e-barriga-de-aluguel-cl8jbe04u002501cyqhfq404x.html>>. Acesso em: 19 nov. 2022

³³ Para Nancy Fraser, na virada do século XX para o XXI, o reconhecimento cultural, associado às pautas voltadas para grupos marginalizados, como mulheres, negros e a comunidade LGBTI+, começou a ganhar espaço, em detrimento da redistribuição da riqueza, nos discursos pelas reivindicações de justiça social.

O argumento central defendido por Norris e Inglehart³⁴ é o de que uma revolução silenciosa, pressentida inicialmente ao final da década de 1960 e começo dos anos 70, carregada em valores socialmente liberais e pós-modernos, levou a uma polarização em torno dos aspectos culturais, o que, como consequência, gerou uma reação autoritária entre o eleitorado socialmente conservador, chamada pelos autores de “cultural backlash” (“reação negativa cultural”, em tradução livre).

A teoria do *cultural backlash* parte da divisão de quatro grupos geracionais³⁵: a geração do Entreguerras, que experienciou a Primeira e Segunda Grandes Guerras Mundiais e a Grande Depressão (nascidos antes de 1945); os Baby Boomers, que cresceram durante o período da expansão do Estado de Bem Estar Social após a Segunda Guerra (entre 1946 e 1964); a Geração X, que viveu a contrarrevolução com a era de protestos estudantis e a liberalização sexual (de 1965 a 1979) e os Millennials, criados durante a ascensão neoliberal e globalizante, como encabeçada por M. Thatcher e R. Reagan (1980 a 1996).

Esses agrupamentos servem para demonstrar de qual modo a revolução silenciosa foi recebida antagonicamente pelas gerações a partir de suas visões de mundo. Valores autoritários e socialmente conservadores, argumentam, estão mais presentes nas gerações Entreguerras e Baby Boomer, o que os torna, portanto, mais propensos a ver o crescimento de pautas progressistas, ou pelo menos o encorajamento destas em sociedade, como uma ameaça às suas convicções. Sendo assim, acabam por se identificar com partidos populista autoritários, que defendem os valores tradicionais conservadores relacionados à família, fé e patriotismo, e rejeitam estilos de vida diversos, fronteiras abertas e o multiculturalismo³⁶. Tais gerações também desempenham fator crucial por exercerem a prerrogativa do voto nas democracias onde o sufrágio não é obrigatório, como nos EUA, em contraste aos Millennials, que geralmente se mostram mais desinteressados em participar dos processos eleitorais.

Se Inglehart e Norris viram no crescimento de políticas afirmativas às minorias, como mulheres, a comunidade LGBTI+ e a população negra, uma reação negativa na direita, pode-se dizer que Traverso, em contrapartida, infere que os componentes xenofóbicos e nacionalistas foram muito mais eficazes em capitalizar o descontentamento das massas por colocarem o temor da imigração e a islamofobia como uma ameaça ao povo “digno” de pertencer à determinada nação, mesmo que não desconsidere o poder do discurso misógino, homofóbico e racista no eleitorado da direita radical. Ele cita³⁷ como muitos movimentos alegam defender os direitos das mulheres e de pessoas gays contra o islamismo, enquanto declara que a política identitária, desancorada de uma interseccionalidade, “falhou quando abandonou qualquer perspectiva de unidade, arriscando se transformar em uma atitude meramente conservadora” (TRAVERSO, 2021, p. 84).

Mudde também aponta como grupos e partidos radicais da direita ocidental europeia têm aceitado cada vez mais a homossexualidade e sujeitos LGBTI+ como definidores de uma cultura nacional, ameaçada pela imigração muçulmana. De acordo com o autor (MUDDE, 2019, p. 153, tradução nossa), “esses grupos

³⁴ NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald: **Cultural Backlash. Trump, Brexit, and authoritarian populism**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 87.

³⁵ Idem, p. 91-92.

³⁶ Idem, p. 124.

³⁷ TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Áyine, 2021. p. 49.

consideram os homossexuais um potencial novo eleitorado para a propagação de sua islamofobia”. Além disso, ele também demonstra que, a partir do pensamento sexista ambivalente da ultradireita, o uso de argumentos feministas e pró-mulheres tem a função de propagar o sentimento nativista.

Mulheres (e garotas) são representadas como seres vulneráveis, ameaçadas pelos ‘aliens’ (doméstico ou exterior), e dependentes da proteção de seus (masculinos) homens. É apenas dentro do contexto da Islamofobia que grupos da ultradireita defendem equidade entre os gêneros e os direitos das mulheres, justapondo um “Ocidente” igualitário contra um “Islã” misógino. (MUDDE, 2019, p. 173, tradução nossa).

Para Eatwell e Goodwin, o sentimento de desconfiança - considerada um dos quatro fatores explicativos sobre o sucesso dos nacional-populistas entre seus eleitores -, é munido pela falta de crença que as pessoas têm tido pelos partidos *mainstream* vigentes, assim como a ascensão do “liberalismo identitário”, definida, a partir de Mark Lilla³⁸, como “uma crescente fixação ou quase obsessão, entre os democratas e a esquerda liberal, com raça, gênero e ‘diversidade’”.

Comumente definido por seus opositores como “politicamente correto”, tal “fixação” propulsiona ainda mais o ressentimento do eleitorado quando figuras controversas, como Charles Murray³⁹, chegaram a ser banidas de palestras em campus universitários, desrespeitando o que defendem como liberdade de expressão garantida pela Primeira Emenda da Constituição dos EUA. Para os autores, “tais banimentos e as publicidades que eles atraem ajudaram a incitar não somente a polarização, mas também uma suspeita mais generalizada em relação ao ensino universitário” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 134). Em síntese, acreditam que “a agenda politicamente correta está aumentando o apoio ao nacional-populismo” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 134).

Porém, em Brown, a defesa irrestrita de uma suposta “liberdade de expressão”, como a que vem sendo interpretada e cooptada na Primeira Emenda por conservadores cristãos e aliados na Suprema Corte estadunidense, tem tornando as conquistas de minorias históricas ainda mais vulneráveis, além de ajudar a corroer a confiança nas instâncias e ideais democráticos.

A liberdade de expressão, interpretada de modo ampliado e aplicada a muitos tipos de entidades e variedades de “expressão”, rechaça os mandatos democráticos que organizam legitimamente a vida comercial, pública e social. O livre exercício, interpretado de modo ampliado e aplicado a muitos tipos de entidades e suas relações, abre as portas para práticas baseadas na religião que organizam legitimamente a vida comercial, pública e social. Conectados [...] eles dão vida a um novo poder que nasce para contestar a democracia. (BROWN, 2021, p. 154).

2. 3 FATORES ECONÔMICOS

³⁸ LILLA, Mark. **The Once and Future Liberal: After Identity Politics**. 1 ed. Nova York: HarperCollins, 2017.

³⁹ Em março de 2017, o autor Charles Murray foi alvo de protestos no Middlebury College, em Vermont, EUA, por defender pseudoteorias de cunhos racistas. Autor do livro “Curva de sino: Inteligência e estrutura de classe na vida americana”, onde relacionou status socioeconômico com raça e inteligência, ele havia sido convidado por um grupo de estudantes conservadores para uma conferência. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/05/24/us/middlebury-college-charles-murray-bell-curve.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022

No final da década de 70, o mundo capitalista enfrentava as consequências deixadas pelas depressões ocorridas na época, como a Crise do Petróleo de 1973, responsável pelas elevadas taxas de juros, aumento do desemprego, crescimento da inflação, dentre outros. Além disso, o clima de "caça às bruxas" contra o comunismo soviético - fruto das tensões provocadas pela Guerra Fria - persistia.

Foi neste cenário instável que a primeira-ministra Margaret Thatcher chegou ao poder do Parlamento britânico pelo Partido Conservador, em 1979. Similarmente, foi a vez do representante republicano Ronald Reagan, um ano depois, conquistar a presidência dos Estados Unidos. As vitórias destes líderes sinalizavam mudanças nos rumos econômicos e sociais de suas regiões e que, em breve, seriam refletidas em demais países⁴⁰.

Suas agendas econômicas foram fortemente influenciadas pela doutrina neoliberal, advinda da Sociedade Mont Pèlerin (SMP) - uma organização internacional que tinha como objetivo a defesa dos valores e interesses liberais. Dentre seus fundadores, constavam os economistas Milton Friedman e Friedrich Hayek.

Hayek era um defensor ferrenho da "mão invisível do mercado", acreditando que ela favorecia o que considerava como dinamismo da economia, sendo então um opositor das medidas de Bem-Estar Social que vigoraram durante a Era de Ouro do Capitalismo (1950-1970). Para ele, o poder do Estado para com o regimento de gastos sociais era um dos principais responsáveis pela existência das recessões.

Nas décadas seguintes, o neoliberalismo permaneceu forte, atingindo, inclusive, países cujas linhas governamentais eram expressivamente social-democratas. Para Traverso⁴¹, a adoção de suas práticas por partidos social-democratas fez com que a direita radical se tornasse a principal oposição ao "sistema", como exemplificado por Trump, que a partir de sua defesa xenófoba e reacionária do norte-americanismo, prega o individualismo e se demonstra como o "modelo antropológico neoliberal".

Para W. Brown⁴², a racionalidade neoliberal das últimas décadas ganha status central na explicação da ascendência de governos e movimentos antidemocráticos no ocidente, mesmo que, a princípio, esta consequência não tenha sido necessariamente idealizada por todos os fundadores teóricos de tal modelo econômico, mas sim uma espécie de "criação frankensteiniana". Para ela, a partir da rejeição do conceito de "sociedade", tido como incompreendido por Hayek e inexistente para Thatcher, e o desmantelamento do estado de bem-estar social a favor de uma suposta liberdade do mercado e dos indivíduos, o neoliberalismo ajudou a minar a confiança na democracia e na justiça social.

Dado que o político foi depreciado e atacado, mas não extinto, enquanto a própria democracia era minguada e desvalorizada, os poderes e energias políticos não democráticos e antidemocráticos em ordens neoliberalizadas inchavam em magnitude e intensidade. Foi desse modo que efeitos neoliberais tais como desigualdade e insegurança crescentes geraram populismos de direita enraivecidos e políticos demagogos no poder que não

⁴⁰ Embora o neoliberalismo tenha se popularizado a partir da década de 80 com os governos de Thatcher e Reagan, sua primeira experiência prática ocorreu sob a ditadura militar chilena, iniciada em setembro de 1973 e influenciada economicamente mais pelo pensamento de Friedman que de Hayek.

⁴¹ TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Áyine, 2021. p. 41.

⁴² BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. 3ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2021, p. 19.

condizem com os sonhos neoliberais de cidadãos pacíficos e ordeiros, economias desnacionalizadas, Estados enxutos e fortes e instituições internacionais focadas em viabilizar a acumulação de capital e estabilizar a concorrência. (BROWN, 2021, p. 71).

Mais que uma política econômica, o neoliberalismo também opera como um sistema de valores que, ao priorizar o privado em detrimento do social, vislumbra uma moralidade tradicional de relações complementares, híbridas, ressonantes, convergentes ou mutuamente exploradas com o neoconservadorismo. Segundo a autora (BROWN, 2021, p.142), “as coordenadas da religião e da família [...] ganham legitimidade como valores públicos e moldam a cultura pública conforme se juntam ao mercado para deslocar a democracia”.

Sob influência de Nietzsche, Brown⁴³ argumenta que o lado econômico do neoliberalismo acelerou o niilismo da contemporaneidade. À medida em que o niilismo corrói e degrada os valores, tornando-os inócuos e desprovidos de fundamento, mais eles podem ser instrumentalizados para atingir diversos fins. Ao aliviar a força da consciência, a desvalorização niilista liberta os indivíduos da coação, da culpa e do abuso que a consciência impõe a partir da dessublimação da vontade de potência.

Recorrendo a Marcuse e o que cunhou como “dessublimação repressiva”⁴⁴, a autora demonstra como o sujeito é levado a ter menos consciência em um contexto de menor repressão, “o que, em uma sociedade individualista e não emancipada, significa menos consideração ética e política em geral” (BROWN, 2021, p. 203). Sendo assim, na junção entre um niilismo corrente atrelado às desobrigações gerais da consciência e compreensão de coletivo, ambas ancoradas num ideal autocentrado de liberdade, mais o tecido social é rasgado. Isso ajuda a explicar por que o eleitorado de Trump - e de outros líderes da direita ascendente, embora não explicitados por Brown, mantiveram seu apoio frente aos escândalos de ordem moral difundidos durante e após a corrida eleitoral⁴⁵, mesmo que tais atitudes sejam, a priori, antagonistas aos valores difundidos por seus apoiadores.

Uma resposta possível é que o niilismo deprime o significado da conduta, da consistência e da verdade: não é mais necessário que o indivíduo seja moral, apenas que grite sobre isso. Outra é que o niilismo torna a política de valores contratual: a base evangélica de Trump não liga para quem ele seja ou o que faça, desde que faça acontecer quanto a Jerusalém, ao aborto, ao banimento de pessoas trans das forças militares, a rezar na escola e ao direito à discriminação por negócios e indivíduos cristãos. (BROWN, 2021, p. 212).

Por fim, retornando a Nietzsche⁴⁶ e como este explicou o nascimento de um novo sistema de valores baseados na moralidade judaico-cristã, com os “fracos” ressentindo os “fortes” por sua opressão, Brown ressalta que o eleitorado das direitas antidemocráticas subverte a abnegação, humilhação, humildade e resignação das tradições judaico-cristãs em rancor, raiva e vingança. O ressentimento, agora, é alimentado por aqueles que

⁴³ Idem, p. 200-201.

⁴⁴ MARCUSE, Herbert. **One-Dimensional Man - Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society**. 1ª ed. Boston: Beacon Press, 1964.

⁴⁵ Donald Trump foi acusado de assédio sexual por pelo menos 26 mulheres desde a década de 1970. As alegações ganharam força durante e após sua campanha presidencial, em meio ao movimento “#MeToo” - campanha que buscou evidenciar a frequência com que abusos de ordem sexual eram prevalentes, especialmente no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/women-accused-trump-sexual-misconduct-list-2017-12>>. Acesso em: 10 dez. 2022

⁴⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **On the Genealogy of Morals**. 1ª ed. Nova York: Vintage, 1967.

historicamente foram dominantes, mas que têm visto sua soberania em declínio. Portanto, “sofrimento, humilhação e ressentimento não sublimados tornam-se uma política permanente da vingança, do ataque àqueles culpados por destronar a masculinidade branca” (BROWN, 2021, p. 217).

A racionalidade neoliberal também tem impacto no trabalho de Eatwell e Goodwin a partir da privação relativa. Através da alteração significativa quanto a distribuição de renda e riqueza - que aumentou o fosso das diferentes classes sociais⁴⁷, o neoliberalismo fez crescer a sensação de privação relativa entre um grande número de cidadãos - neste caso, argumentam, não é apenas a privação objetiva, como perder empregos ou viver com baixa renda, mas também, e especialmente, as percepções subjetivas de como a própria posição de determinado grupo está mudando em comparação a outros. Os autores também acreditam que alguns líderes nacional-populistas cada vez mais têm buscado criar alternativas ao status quo, “incluindo a adoção de políticas que, no passado, eram defendidas pela esquerda, como mais projetos de infraestrutura, aumentos salariais e, na Europa, Estado de bem-estar social” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 226).

3. COMO COMBATER E O QUE ESPERAR DO FUTURO?

Os principais elementos e causas identificadas como constitutivas do objeto de estudo deste trabalho, como o nativismo, a reação negativa ao crescimento das pautas identitárias e as consequências das décadas firmadas sob a racionalidade econômica e moral do neoliberalismo, assumem diferentes formas de combate pelos autores aqui analisados.

Identificando a ascensão do nacional-populismo como um movimento duradouro, Eatwell e Goodwin acreditam que a desigualdade política, proveniente da desconexão entre os governantes e o povo, irá se intensificar e que, portanto, a solução seria dialogar com os receios pautados pelos eleitores a fim de desacentuar os conflitos. Uma proposta seria lidar com o problema da privação relativa, não apenas aumentando os salários e os níveis de emprego, como também promovendo integração social e respeito.

Os autores também alegam que partidos progressistas, numa tentativa de angariar votos e evitar mais perdas, deveriam fazer concessões de curto prazo, como demandar fronteiras mais estritas ou modificar o tipo de imigração, já que “simplesmente defender as fronteiras abertas e a imigração incessante de pessoas pouco qualificadas e não contribuintes somente empurrar os partidos [de centro-esquerda] para ainda mais perto da irrelevância eleitoral” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 276).

Tal hipótese é, de certeza maneira, defendida por Norris e Inglehart⁴⁸, que acreditam que as ansiedades experienciadas pelo eleitorado autoritário populista a partir do crescimento de fluxos migratórios é genuína, e que menosprezá-las como intolerância irracional só leva ao crescimento da reação negativa cultural e põe em perigo a própria democracia.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2016/06/ostry.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2022

⁴⁸ NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald: **Cultural Backlash. Trump, Brexit, and authoritarian populism**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 461.

Como os valores se traduzem em votos, no entanto, é uma atividade complexa. A reação negativa à imigração oferece oportunidades aos partidos Populista Autoritários de ganharem apoio por defenderem políticas nacionalistas de linha dura. Eles conseguem explorar questões como a imigração, particularmente onde políticos mainstream compartilham um consenso liberal que os impedem de seguir o exemplo. Mas se partidos mainstream começarem a adotar políticas mais restritivas sobre a imigração e a linguagem nacionalista, utilizando as armas de seus rivais enquanto, simultaneamente, ostracizam partidos Populista Autoritários, os últimos serão forçados a perder. (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 456, tradução nossa).

Contudo, Mudde⁴⁹ enxerga que os partidos mainstream cada vez mais têm se embrenhado às pautas da direita radical nos âmbitos de imigração, integração e segurança nacional, tanto ao identificar as causas das mazelas sociais e econômicas, como nas formas de enfrentamento. A solução, argumenta, não seria cooptar os ideais da ultradireita, enquanto exclui seus grupos mais extremados, mas sim fortalecer e promover a democracia liberal, reiterando os motivos pelo qual ela é o sistema político vigente que melhor atende aos descontentamentos populares, além de construir estratégias que devem ser tomadas a partir de noções locais ou nacionais, e não globalmente, para serem eficazes.

Um caminho adicional apontado pelo autor, que por outra via, se assemelha ao estudo proposto por Norris e Inglehart, é o de que gerações mais novas têm menos propensão a eleger líderes e partidos que se colocam contrários às noções mais plurais de gênero, raça e cultura. No entanto, em países onde o voto não é obrigatório, tais grupos também têm se mostrado como os menos comparecentes às eleições.

A resposta ao contingente eleitoral proposta pelos cientistas políticos⁵⁰ seria mobilizar o público mais jovem e as minorias étnicas a transformarem os protestos de resistência civil, como a marcha pelo Direito das Mulheres e o Black Lives Matter, em votos práticos. Além disso, também dão enfoque para a implementação de políticas que consigam reduzir desigualdades econômicas através de reformas sociais e lidar com as ansiedades culturais dos eleitores a partir de um líder que, em vez de acentuar as diferenças, consiga diminuí-las.

Tanto para Traverso⁵¹, quanto para Brown⁵², a ausência de medidas efetivas de combate entre as esquerdas com relação às demandas das direitas mais radicais é um dos fatores que explica o sucesso desta última. Logo, possíveis alternativas para frear seu crescimento seriam, no primeiro caso, a criação de uma nova utopia que consiga ganhar força social capaz de levar as ideias da esquerda adiante com seriedade ou então reconquistar os resquícios afetivos ligados a temas como a nação, propriedade, tradições e a família, cooptados, predominantemente, pela direita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴⁹ MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 177.

⁵⁰ NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald: **Cultural Backlash. Trump, Brexit, and authoritarian populism**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 463.

⁵¹ TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Áyine, 2021. p. 252.

⁵² BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. 3ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2021, p. 228.

Com a ascensão de líderes e partidos ligados à direita nas últimas décadas, acadêmicos e a grande mídia procuraram definir e compreender o fenômeno em conjuntura global e síncrona. Donald Trump, eleito em 2016, foi chamado de populista⁵³, fascista⁵⁴ e até mesmo ditador⁵⁵ por analistas, oponentes e parte do grande público, enquanto seu eleitorado foi resumido a majoritariamente branco, masculino e pertencente à classe trabalhadora⁵⁶. No mesmo ano, uma pesquisa estimativa feita pelo Instituto Ipsos⁵⁷ revelou que o voto pela saída do Reino Unido na União Europeia no referendo do Brexit foi apoiado, sobretudo, por sujeitos mais velhos, brancos e de classes inferiores.

Os argumentos a respeito dos cenários descritos acima foram defendidos por Norris e Inglehart, que através de extensas apurações, argumentaram que os votantes de partidos e líderes populista autoritários são formados, em sua maioria, por gerações anteriores, como os Entreguerras e Baby Boomers. Estes se opõem aos Millennials, que embora sejam menos conservadores e possuam valores e experiências multiculturais, comumente abstêm-se das decisões eleitorais em países onde o voto não é obrigatório, como nos EUA.

No entanto, Eatwell e Goodwin, ao questionarem a “mídia liberal”, declararam que a narrativa de que o apoio àquilo que nomearam como nacional-populismo nos EUA e na Europa veio predominantemente de homens brancos e velhos raivosos que morrerão em breve é apenas uma armadilha para evitar que se engaje com as ideias propostas por seus líderes. Para eles (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 46), “tanto Trump quanto o Brexit foram empurrados até a linha de chegada por uma frouxa, mas comprometida coalizão de eleitores que frequentemente tinham estilos de vida diferentes, mas estavam unidos por preocupações e valores partilhados”.

Mudde, similarmente, apontou que (2019, p. 79) “à medida que os partidos de ultradireita se tornam mais e mais bem-sucedidos, seus eleitores continuam se transformando, tornando-se cada vez mais heterogêneos”.

A reação negativa proposta por Inglehart e Norris ao crescimento de valores socialmente liberais e pós-modernos, portanto, embora não possa ser ignorada, não parece compreender a pluralidade dos votos catapultados pelos líderes e partidos mais à direita do espectro ideológico. As “pautas identitárias”, que trouxeram importantes conquistas para diversas lutas sociais, se vistas isoladamente, podem ser cooptadas por movimentos pós-fascistas, como bem explicou Traverso, e não necessariamente justificar as escolhas eleitorais dos votantes.

Não se pode também negar que a amplitude alcançada pela direita mais reacionária durante os últimos anos seja, à sua maneira, um momento singular da história mundial. No entanto, ao focar o aspecto global, menosprezando as singularidades históricas de cada país e/ou continente, como, em certa parte, fizeram Eatwell e Goodwin ao verem em Trump, Bolsonaro e Le Pen a representação de uma “tradição de pensamento distinta no Ocidente” (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 74), subestima-se alguns elementos que, embora sejam

⁵³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/09/internacional/1478660050_114058.html>. Acesso em: 17 nov. 2022

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2020/01/obama-2016-trump-fascist/605488>>. Acesso em: 17 nov. 2022

⁵⁵ Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/10/10/politics/trump-threat-jail-clinton-trnd/index.html>>. Acesso em: 17 nov. 2022

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/10/upshot/why-trump-won-working-class-whites.html>>. Acesso em: 8 dez. 2022

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.ipsos.com/en-uk/how-britain-voted-2016-eu-referendum>>. Acesso em: 8 dez. 2022

evidentes em determinadas regiões, não ajudam a explicar, por definitivo, o sucesso eleitoral do presente cenário.

Pegemos a imigração, como exemplo. As grandes taxas de fluxos migratórios, provenientes das ondas de refugiados, desempenham papel crucial em países como a França, Alemanha e Reino Unido. A despeito do primeiro, Traverso explicita que o passado colonialista, o conceito de *laïcité* e as memórias da Guerra da Argélia serviram - e seguem servindo - de fruto para a islamofobia crescente na região e, conseqüentemente, alimenta o discurso e o poder de partidos como a Frente Nacional francesa.

No entanto, tal fator não é determinante para países latino-americanos, como o Brasil - excluído, frequentemente, da literatura aqui abordada. Mesmo que Bolsonaro já tenha feito discursos anti-imigração, seus eleitores, em 2018, que em pesquisas estatísticas possuíam perfis semelhantes aos de Trump ou aos pró-Brexit, com exceção daqueles de classe elevada, justificaram seu voto muito mais por identificarem no candidato um justiceiro no combate ao *establishment* corrupto - que para o imaginário bolsonarista é personificado pelos governos petistas, no poder de 2002 a 2016 -, e até mesmo uma espécie de Messias por flertar abertamente com as religiões de caráter cristão, especialmente a vertente evangélica pentecostal - uma particularidade da realidade brasileira e ainda mais intensificada que sua correspondência estadunidense.

Ainda assim, ao menos no hemisfério norte, pode-se observar um consenso entre os autores aqui referenciados no que corresponde ao crescimento da imigração e à ansiedade de um eleitorado ressentido, temeroso por perder seu espaço nos setores de trabalho - uma questão que poderia ser enfrentada a partir de reformas políticas -, ou pelo receio do enfraquecimento do que identificam como sua identidade nacional - neste caso, um aspecto denso e de soluções muito mais complexas.

O que nos leva às conseqüências socioeconômicas e morais do neoliberalismo, como proposto por Brown e seu estudo da ascensão antidemocrática no ocidente. De Norte a Sul, a experiência do *laissez faire*, adotada em menor ou maior grau por governos de campos distintos, ajudou a alimentar o fosso entre as classes, além de reduzir valores sociais à meras prerrogativas. Com o sentimento acentuado de privação relativa, o uso irrestrito de uma suposta "liberdade de expressão" e a crescente desconfiança às instituições democráticas, as pautas da direita mais radical e extremada ganharam força, posicionando-se como solução às mazelas sociais que possuem origens muito mais profundas que apenas um conjunto de escolhas individuais.

Não se pode também menosprezar o impacto que a mídia tem tido no processo. Seja pela nomenclatura dada aos fenômenos, como Mudde apontou no uso massivo de "crise" para designar a enxurrada de imigrantes que se refugiaram na metade da última década, até o espaço dado à líderes controversos e as manifestações provocadas por seus apoiadores, a normalização dos discursos dessas direitas, feitas de forma acrílica e distanciada, tem ajudado a disseminar o fenômeno.

Tratando-se da longevidade da ultradireita, Mudde afirma que esta veio para ficar, enquanto Eatwell e Goodwin identificaram que o nacional-populismo "exercerá poderoso efeito sobre a política de muitos países ocidentais, durante muitos anos" (EATWELL; GOODWIN, 2020, p. 285). Mesmo que episódios recentes, como a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras, em 2022, ou a expectativa não consolidada de uma "onda vermelha" republicana na Câmara e no Senado dos EUA, no mesmo ano, tentem demonstrar o contrário,

suas raízes prometem gerar consequências enquanto mudanças políticas de longo prazo não diminuam a disparidade social e econômica, a mídia insistir em dar visibilidade para quaisquer manifestações políticas que corroem as instituições democráticas e a confiança na soberania popular seguir sendo desacreditada.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. 3ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2021.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: A revolta contra a democracia liberal**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FRASER, Nancy. **Justiça interrompida: Reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

LILLA, Mark. **The Once and Future Liberal: After Identity Politics**. 1 ed. Nova York: HarperCollins, 2017.

MARCUSE, Herbert. **One-Dimensional Man - Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society**. 1ª ed. Boston: Beacon Press, 1964.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **On the Genealogy of Morals**. 1ª ed. Nova York: Vintage, 1967.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash. Trump, Brexit, and authoritarian populism**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita**. 1ª ed. Belo Horizonte: Âyine, 2021.